

N. 16 FEV 2019

retratos

A REVISTA DO IBGE

A EXPERIÊNCIA DE COMPARTILHAR  
A GUARDA DOS FILHOS

NOMES GEOGRÁFICOS CONTAM  
HISTÓRIAS SOBRE OS LUGARES

ODS 9: INDUSTRIALIZAÇÃO E  
INOVAÇÃO SUSTENTÁVEIS

longevidade

viver bem e  
cada vez mais





**i**

**4**  
indústria,  
inovação e  
infraestrutura



**b**

**6**  
dividindo  
responsabilidades



**g**

**12**  
nomes  
geográficos



**e**

**18**  
caminhos  
para uma  
melhor idade

**26** caça-palavras

**27** #ibge

Um grupo formado por mais de 28 milhões de pessoas, o que representa 13% da população brasileira, pode dobrar de tamanho nas próximas décadas. É o que mostram as estatísticas do IBGE em relação ao aumento do total de idosos no país, ou seja, daquelas pessoas que têm 60 anos ou mais de idade. O crescimento dessa parcela da população e sua maior longevidade traz novas nuances para o retrato do Brasil, como mostra a reportagem de capa da Retratos nº 16.

Participar de atividades sociais organizadas, como as serestas protagonizadas pelos personagens destacados na matéria, além de ser uma forma de sociabilidade, é uma oportunidade de revelar talentos. Porém, para que todos os idosos tenham qualidade de vida, além de iniciativas criadas pela própria sociedade, é preciso políticas públicas capazes de garantir seus direitos.

Por outro lado, a reportagem sobre a guarda compartilhada tem como foco a responsabilidade sobre aqueles que estão na base de nossa pirâmide etária: as crianças e os adolescentes. No caso, filhos e filhas (menores de idade) de pais que se separaram. O texto mostra como é a experiência dos pais que fizeram essa opção, cujo número de registros quase triplicou entre 2014 e 2017. Porém, apesar do aumento de casos de guarda compartilhada no país, ainda são as mães que majoritariamente ficam com a guarda dos filhos após uma separação.

Já a seção G da revista fala de um assunto curioso: os nomes geográficos. Presentes em todos os mapas, além de identificarem as feições geográficas, podem ajudar na compreensão de diversos aspectos sobre um determinado lugar. Isso porque pesquisadores, ao registrá-los, buscam os motivos de sua escolha, escrita e pronúncia.

Por fim, a edição de fevereiro dá continuidade à série de entrevistas sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O destaque é para o ODS 9, que trata da construção de infraestruturas resilientes e da promoção da indústria e da inovação pensadas no contexto da sustentabilidade econômica, institucional, ambiental e social.

Boa leitura!

**Equipe da redação**

## EXPEDIENTE

### Presidente

Roberto Olinto Ramos

### Diretor-Executivo

Fernando José de Araújo Abrantes

### Diretoria de Pesquisas

Cláudio Crespo

### Diretoria de Geociências

João Bosco de Azevedo

### Diretoria de Informática

José Sant'Anna Bevilacqua

### Centro de Documentação e Disseminação de Informações

David Wu Tai

### Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Maysa Sacramento de Magalhães

### UNIDADE RESPONSÁVEL

#### Coordenação de Comunicação Social

Diana Paula de Souza

### Editor

Marcelo Benedicto

### Editora assistente

Marília Loschi

### Editora de arte

Simone Mello

### Editora de fotografia

Lícia Rubinstein

### Projeto gráfico

Simone Mello

### Reportagem

Camille Perissé, Eduardo Peret, Helena Tallmann, José Zasso, Marcelo Benedicto, Marília Loschi, Mônica Marli e Rita Martins

### Editoração eletrônica

Lícia Rubinstein e Simone Mello

### Foto da capa

Lícia Rubinstein

### Fotografia

Gabriela Vázquez, Helena Tallmann, Lícia Rubinstein e Rita Martins

### Ilustração

Lícia Rubinstein

### Tratamento de imagens

Lícia Rubinstein

### Logística de distribuição

Helena Pontes

### Colaboradores

Bondinho Pão de Açúcar, Irene Gomes, J.C. Rodrigues, Luiz Bello, Mônica Marli e Museu da República

### Revisão de textos

Irene Gomes e Marília Loschi

### Impressão

Veloprint Gráfica e Editora Ltda

### Tiragem

30.000 exemplares

### ISSN

2595-0800

Retratos a Revista do IBGE é uma publicação mensal do Instituto para distribuição interna e externa. A publicação não é comercializada. Todos os direitos são reservados. Caso queira reproduzir as matérias e as imagens desta edição, entre em contato através do nosso e-mail. A publicação das informações individuais na Retratos foi autorizada pelos entrevistados. Críticas e sugestões: [revistaretratos@ibge.gov.br](mailto:revistaretratos@ibge.gov.br)



# indústria, inovação e infraestrutura

texto  
Eduardo Peret  
arte e design  
Licia Rubinstein

**O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 9 está relacionado com a construção de infraestrutura, baseada em indústria e inovação, formando um tripé em que cada pilar depende dos demais. Ele lida com temas específicos que, observados de forma isolada, poderiam passar a impressão de que se está reproduzindo um paradigma já ultrapassado – o paradigma da industrialização pura, da infraestrutura por si mesma – e não é o caso. A industrialização e a busca da inovação devem ser pensadas no contexto da sustentabilidade econômica, institucional, ambiental e social, conforme explica o economista Flávio Peixoto.**

## OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 9: CONSTRUIR INFRAESTRUTURAS RESILIENTES, PROMOVER A INDUSTRIALIZAÇÃO INCLUSIVA E SUSTENTÁVEL E FOMENTAR A INOVAÇÃO.

**Revista Retratos** O que se destaca no ODS 9?

**Flávio Peixoto** Em primeiro lugar, a conexão com os outros objetivos, em especial os sociais e ambientais. É importante pensarmos nesse Objetivo de forma sempre contextualizada com os demais, para entendermos que a ideia é industrializar e inovar de forma sustentável, e não em detrimento do ambiente e da sociedade.

**Retratos** Quais são as fontes das informações para os indicadores?

**Flávio** Além do próprio IBGE, temos parcerias com a Anatel, a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o CNPq, a Capes e os Ministérios de Ciência e Tecnologia, Transportes, Minas e Energia e Relações Exteriores. Também estamos negociando com o Banco Central e a Receita Federal para termos acesso a alguns dados.

**Retratos** Quais indicadores nós já temos?

**Flávio** O ODS 9 é um dos objetivos mais completos em termos de disponibilidade de indicadores, muitos dos quais já estão, inclusive, publicados na

plataforma e com dados regionais disponibilizados.

**Retratos** Pode nos dar alguns exemplos?

**Flávio** A meta 9.2 tem um indicador de emprego na indústria, na proporção do emprego total, que já está publicado. Na meta 9.5, referente a inovação, o indicador de dispêndios de Pesquisa e Desenvolvimento como proporção do PIB também já está divulgado. A plataforma também já tem números sobre os pesquisadores em tempo integral, que nós obtivemos mesclando os dados da base do CNPq e Capes com os dados do IBGE, através da Pesquisa de Inovação, da qual eu sou gerente. Está tudo na plataforma.

**Retratos** E quais indicadores ainda não estão prontos?

**Flávio** Algumas metas apresentam problemas metodológicos. Por exemplo, o indicador que se refere à proporção da população rural que vive num raio de 2 km de estradas acessíveis durante o ano inteiro. Esse indicador não tem dados nem metodologia internacional proposta. Ainda precisamos definir o conceito de “estrada aberta o ano todo”, ver se ele se refere

apenas a estradas ou a outras vias. No Canadá, por exemplo, há estradas que sempre ficam fechadas no inverno por causa da neve. Aqui no Brasil, pensamos em termos de Amazônia e Centro-Oeste, áreas que são alagadas parte do ano. E também temos áreas rurais cujo acesso é feito exclusivamente por rio, portanto não há “estrada”, mas há o acesso.

A meta 9.3 fala em “indústrias de pequena escala” e também temos um problema com esse conceito, porque a definição varia com a estrutura de cada país. Temos a definição mais comum, que é por faixa de pessoas ocupadas, mas não definimos o que é “pequena escala”. Porém, se pensarmos em receita, isso muda. Pode haver uma empresa com poucas pessoas ocupadas e uma receita muito alta.

**Retratos** E há outros desafios relativos a esse ODS?

**Flávio** Alguns indicadores são completamente levantados por outras instituições, ou em alguns casos nós dependemos de uma base de dados externa. Nesses casos, precisamos manter constante negociação com essas instâncias, para que os prazos sejam cumpridos. ■



Acervo pessoal

**Flávio Peixoto**

é economista formado pela UFF, com mestrado e doutorado em Economia da Tecnologia e Inovação pela UFRJ. No IBGE, ele é o coordenador do ODS 9.



**b**

**texto** Helena Tallmann, José Zasso e Rita Martins  
**fotos** Gabriela Vázquez, Helena Tallmann e Rita Martins  
**design** Licia Rubinstein

# dividindo responsabilidades

**S**ob os olhares cuidadosos do pai, o psicólogo Tiago Ferreira, a pequena Lara Kali, de sete anos, se apressa em amarrar os cadarços dos patins para aproveitar o feriado ensolarado em um parque de Salvador. “O que eu mais gosto de fazer com meu pai é passear”, conta. Tiago compartilha a guarda da filha com a ex-companheira desde 2013. “Pelo meu processo de formação em Psicologia, eu tive acesso a algumas discussões que me fizeram me posicionar politicamente nesse lugar enquanto homem e me responsabilizar mais diretamente pela guarda. Nós fizemos um acordo e, desde então, ela fica 15 dias comigo e 15 dias com a mãe”, explica ele.

Rita Martins





“Quando decidimos nos separar, tínhamos como certo que continuaríamos sendo a família do Franz, mesmo não tendo mais uma vida conjunta, por isso nem cogitamos outro tipo de guarda” Fábio Visentin

Situação semelhante acontece com os pais do pequeno Franz, de três anos. O advogado Fábio Visentin e a estudante Gabriela Vázquez, que moram em Juiz de Fora, MG, não tiveram dúvidas sobre a escolha do regime de guarda compartilhada desde o início da separação, há cerca de um ano. De domingo a quarta-feira, Franz fica com o pai e, de quarta a domingo, com a mãe. Os horários, porém, são flexibilizados de acordo com a necessidade.

“Quando decidimos nos separar, tínhamos como certo que continuaríamos sendo a família do Franz, mesmo não tendo mais uma vida conjunta, por isso nem cogitamos outro tipo de guarda”, frisa Fábio. A nova rotina ensinou o pai do pequeno Franz a valorizar o tempo em que estão juntos. Segundo ele, ficar alguns dias com o filho não é obrigação, mas um momento de prazer. “Quero participar de tudo”, diz ele. A mãe destaca a vantagem de a criança não sofrer pela distância e, desde cedo, conviver em um ambiente de

respeito. “É benéfico para todos, quando a gente cria essa relação amistosa entre as famílias, mesmo estando separados. Eu aconselho todos os pais separados a testar essa rotina, porque muitos deixam de criar um vínculo com o filho por achar que é uma responsabilidade da mãe”, analisa.

A realidade de ambas as famílias reflete um dado estatístico sobre o Brasil: o regime de guarda compartilhada vem aumentando desde 2014, quando foi sancionada a Lei nº 13.058, que prevê a aplicação dessa modalidade de guarda como prioritária nos casos em que ambos os genitores estejam aptos a exercer o poder familiar. No país, o número de registros de guarda compartilhada quase triplicou entre 2014 e 2017, passando de 7,5% dos casos de divórcio de casais com filhos menores para 20,9%, de acordo com as Estatísticas do Registro Civil, do IBGE. Os estados com os maiores índices de compartilhamento da guarda, em 2017, foram Espírito Santo (32,7%),

Bahia (29,4%) e Amazonas (28,7%). Entre as capitais, os maiores percentuais foram registrados em Vitória-ES (61,2%), Curitiba-PR (54,6%) e Salvador-BA (54,4%).

Este número pode ser ainda maior, já que as informações utilizadas na pesquisa levam em consideração apenas os casos registrados em cartórios, tabelionatos e varas de família. “É importante explicar que as Estatísticas do Registro Civil são uma pesquisa de registros administrativos. Não coletamos a situação conjugal, mas o estado civil das pessoas. As uniões estáveis não modificam o estado civil do indivíduo e, portanto, não são coletadas na pesquisa”, explica a gerente da pesquisa, Klívia Brayner, acrescentando que a investigação conseguiu, ainda assim, captar o crescimento dessa modalidade de guarda como consequência da lei.

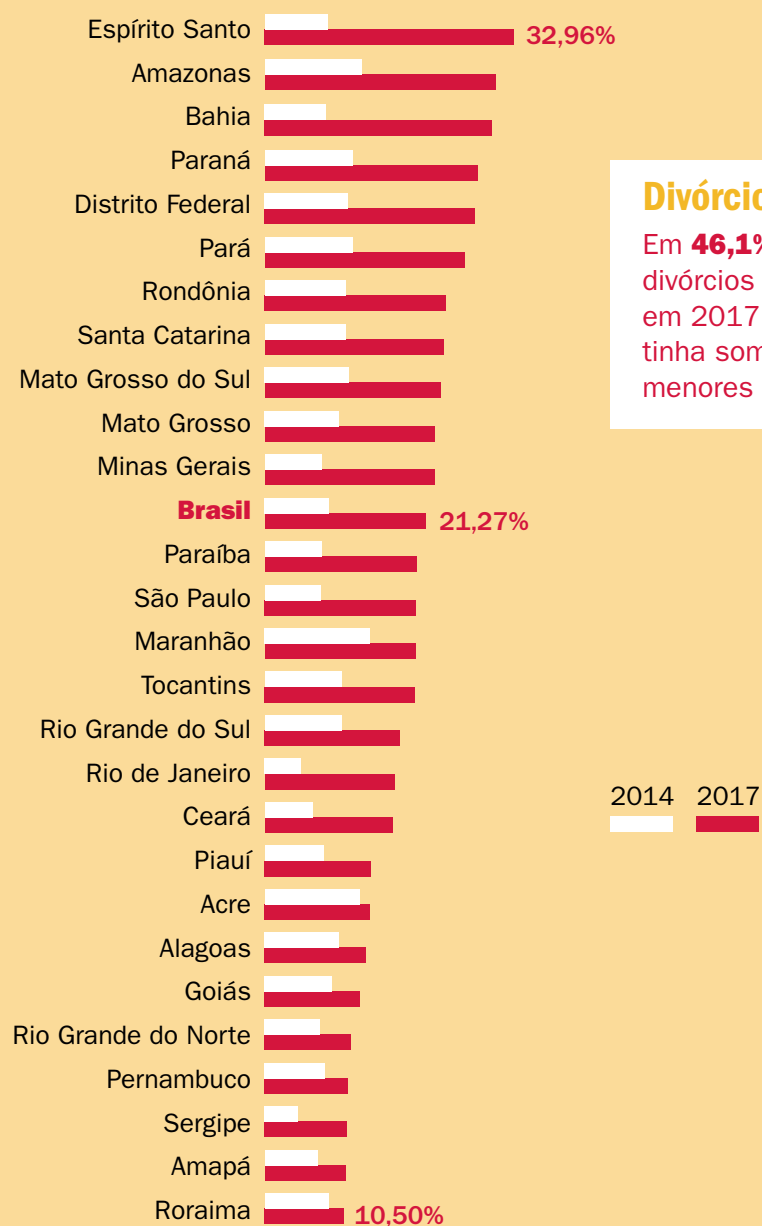
O juiz de Direito e presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família na Bahia (IBDFAM-BA), Alberto Gomes,

#### Fotos

Na página 6, Tiago Ferreira e a filha Lara Kali.

Na página 8, Fábio Visentin e o filho Franz.

## Proporção de divórcios concedidos em primeira instância, com guarda compartilhada, a casais com filhos menores de idade



explica que a lei impõe que a regra da guarda seja compartilhada, com exceção de quando um dos pais não quer. Ainda assim, nesta hipótese, o juiz pode mandar fazer o compartilhamento se ele vir que tem condições para manter essa relação entre eles sem prejuízo para a criança. Ele acredita que o aumento no número de compartilhamento da guarda se deve, entre outros fatores, ao maior esclarecimento sobre o tema: “Esse aumento passou não só pelo esclarecimento dos operadores do Direito, mas também pelo avanço na compreensão e na educação das pessoas, que passaram a ver que tudo o que elas estavam fazendo tinha consequência para os filhos”, avalia.

Para outro magistrado, o desembargador Luiz Felipe Brasil, da 8ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, especializada em Direito de Família, o principal desafio é a mudança de mentalidade dos genitores: “Eles precisam assumir uma maior divisão de

“A relação entre pai e filho ou filha precisa ser regada, e só pode ser regada se estiverem próximos”

Alberto Gomes

tarefas e responsabilidades, mas isso é um processo social de médio para longo prazo”, pondera. Tanto é que, mesmo com a regra, na maioria dos casos de divórcio de casais com filhos menores de idade, no Brasil, a guarda ainda fica com a mãe. Dos 158.161 divórcios ocorridos entre casais com filhos menores no país, em 2017, 109.745 (69,4%) casos tiveram a guarda atribuída apenas à mãe. Em apenas 7.521 casos (4,8%), a guarda dos filhos ficou com o pai.

#### APESAR DA LEI

Apesar da lei, ainda há casos como o da auxiliar de serviços gerais Marli Cruz, que compartilha a guarda da filha com o ex-marido “só no papel”. Divorciada desde 2005, Marli conta

que raras vezes o ex-marido se responsabilizou pela filha. “Ele nunca foi a uma reunião da escola, nem levou ao médico. Uma vez pedi para ele fazer o CPF e a identidade dela, ele disse que ia, mas quando chegava o dia, cadê?”.

Hoje a filha de Marli tem 16 anos e fala poucas vezes com o pai. “Ela nunca passou o Dia dos Pais com ele, pois ele não ia buscá-la. No aniversário dela, eu tenho que ligar para pedir para ele desejar feliz aniversário pra filha”, conta, revelando a tristeza diante da situação.

Segundo o juiz Alberto Gomes, nos casos em que as guardas compartilhadas são desvirtuadas, cabe denunciar a situação por meio de um processo judicial. “O direito da

convivência não é dos pais, é um direito da criança. Do pai é uma obrigação, da criança é um direito”, ressalta, ao explicar que, embora o pai resista a uma convivência com o filho, ele acaba cedendo com a insistência e as penalidades impostas pela Justiça.

“Eu também já pensei assim: ninguém pode obrigar a amar. Mas ‘água mole em pedra dura tanto bate até que fura’, principalmente com criança. A pessoa tem que ter um desvio de comportamento ou um desvio mental muito grande para não ceder aos encantos de uma criança”, defende Gomes, acrescentando que “a relação entre pai e filho ou filha precisa ser regada, e só pode ser regada se estiverem próximos”. ■

#### Foto

A guarda compartilhada possibilita que pais e filhos fiquem próximos e compartilhem vivências, como é o caso de Fábio Visentin e Gabriela Vázquez, pais de Franz.



Helena Tallmann

# nomes geográficos

**texto** Marcelo Benedicto e Marília Loschi

**fotos** Licia Rubinstein

**design** Simone Mello

**colaboração** Mônica Marli

Os lugares têm nomes que contam histórias. A escrita, a pronúncia e o sentido de cada um deles mostram que não são frutos de uma escolha aleatória. Tanto as feições naturais como as construídas pela humanidade ganham significado após serem nomeadas.

Praia de Copacabana

Forte Duque  
de Caxias

Praia do Leme





**Morro Dois Irmãos**

**Pedra da Gávea**

**Estação Bondinho Pão de Açúcar**

**Morro da Urca**

**Praia Vermelha**

**Praça General Tibúrcio**

**Pista Cláudio Coutinho ou Caminho do Bem-te-Vi**



a

s ruas de calçamento irregular, feito com pedras pé-de-moleque, e o casario colonial do centro histórico de Paraty, município ao sul do estado do Rio de Janeiro, foram palco de uma polêmica encerrada há pouco mais de dez anos: o nome da cidade deveria ser escrito com “y” ou com “i”?

Tudo começou após mudanças nas regras ortográficas da língua portuguesa no Brasil terem determinado a substituição do y por i em palavras como Paraty, que então passou a figurar nos mapas como Parati. Revoltados com a alteração, os paratienses se mobilizaram para que o “y” retomasse seu devido lugar na grafia do nome da cidade, o que

só ocorreu depois da aprovação de uma lei pela Câmara de Vereadores, em 2007.

A disputa mostra que não é por acaso que uma palavra é escrita e pronunciada de uma ou outra maneira. Cada letra ou fonema traz a marca da tradição e das decisões políticas que determinam os nomes das coisas. Nesse sentido, os nomes dos elementos representados em um mapa podem funcionar como fontes de informação sobre o país.

É o que mostram as pesquisas sobre os Nomes Geográficos, ao buscarem a origem e as diversas formas que um nome pode ter para designar um

lugar, seja ele uma cidade, rua, rio, relevo ou construções, por exemplo. Vistos como patrimônios culturais, os nomes das diversas feições geográficas de um território funcionam como verdadeiros “fósseis linguísticos” com várias camadas de história.

“O nome geográfico transforma o espaço em lugar, que é o espaço vivido, marcado por emoções e que tem uma história. Quem nomeia está ligando aquele lugar à sua história. Ao recuperar o nome de uma construção, ou mesmo nomeá-la, estamos dando um significado a ela, reconhecendo e atribuindo um valor. Por isso, nunca se pode descartar um nome”,

### Vídeoreportagem

Um passeio turístico no Rio de Janeiro não pode deixar de fora uma visita ao Bondinho do Pão de Açúcar. Porém, por que um dos principais cartões-postais da cidade maravilhosa é chamado de Pão de Açúcar? Essa é uma questão relacionada às definições dos nomes geográficos, tema do vídeo disponível em <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br>



## Foto

O município de Paraty (RJ) já teve a grafia de seu nome escrita com “i” no lugar do “y”, mudança que desagradava a população.

“O nome geográfico transforma o espaço em lugar, que é o espaço vivido, marcado por emoções e que tem uma história. Quem nomeia está ligando aquele lugar à sua história.”

Ana Cristina Resende

explica Ana Cristina Resende, pesquisadora da Coordenação de Cartografia do IBGE.

Cada nome geográfico é formado pela junção de um nome genérico com um específico. Um exemplo é o “rio São Francisco”, formado pelo genérico “rio” e o específico “São Francisco”. O trabalho do IBGE é cuidar da padronização dos nomes que estão em suas bases cartográficas. Para isso, o instituto segue orientações definidas pelo grupo de especialistas em nome geográficos da Organização das Nações Unidas (ONU). Quando necessário, técnicos vão a campo entrevistar pessoas para esclarecer dúvidas relativas a um nome – quanto à grafia, por exemplo.

## ARQUEOLOGIA DOS NOMES

No caso de Paraty, uma das argumentações em favor do uso do “y” teve por base a origem indígena da palavra. “Foi percebido que existem várias tonalidades para a pronúncia do ‘i’ para o indígena. E cada uma delas tem um significado diferente. O ‘y’ é

mais próximo à pronúncia que eles usavam para significar algo no território. É como se fosse Paratii, que significa água que corre. Aí o linguista achou por bem utilizar o ‘y’ para representar essa pronúncia, o ‘i’ longo, o ‘i’ dobrado”, esclarece Marcia de Almeida Mathias, técnica aposentada da Coordenação de Cartografia do IBGE.

Situação similar à vivenciada em Paraty aconteceu em Pirassununga, São Paulo, após o governo determinar que os nomes indígenas grafados com dois “s” deveriam passar a ser escritos com “ç”, em respeito a uma norma ortográfica da década de 1940.

“Seguindo a legislação, o IBGE fez a alteração nos mapas. E começaram a vir as reclamações, não só das áreas administrativas como da população. Isso porque eles não se reconheciam, pois Pirassununga com ‘ç’ não tinha o mesmo valor cultural”, comenta Marcia. A população não aceitou e o nome voltou a ser com dois “s”.


## QUAL É O NOME DISSO?

Se em situações em que a simples troca de uma letra na grafia de um nome geográfico gera controvérsia, o que dizer dos casos nos quais um nome inteiro é substituído por outro? Nas cidades, muitas vezes, o poder político costuma atribuir o nome de personalidades ilustres a ruas, praças e outros espaços públicos como forma de homenageá-las, nem que para isso seja preciso renomear um local. Foi o que aconteceu com a antiga avenida Suburbana, eixo viário de cerca de 11 km de extensão na cidade do Rio de Janeiro, que passou a se chamar avenida Dom Hélder Câmara, arcebispo católico que faleceu em 1999.

“Até hoje é conhecida como avenida Suburbana, por muitos motivos”, conta Ana Cristina. Os evangélicos, inclusive, criaram um nome para um pedaço dela, pois não queriam estar com um de seus maiores templos numa avenida com nome de um religioso católico. Então, colocaram o nome de largo dos

## Conhecendo o território

Em uma pesquisa no Banco de Nomes Geográficos, Graciosa Rainha Moreira, analista de sistemas da Coordenação de Cartografia do IBGE, fez uma busca pelo termo macaúba (um tipo de palmeira). O resultado mostrou que o termo nomeava aldeia indígena, povoado, barragem, entre outros locais. No mapa, observou que esses pontos estavam distribuídos por Tocantins, Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Maranhão, justamente os estados que possuíam muitas macaúbas.



Vista do bairro da Urca, localizado no município do Rio de Janeiro (RJ)

Evangélicos no local em que fica a igreja deles”.

No caso do Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, antigo Galeão, no Rio de Janeiro, a troca de nome para homenagear o compositor brasileiro gerou um problema de logística. “A questão é que ele é registrado como GIG-Galeão no mundo inteiro. Então, seria difícil mudar o nome no mundo todo. Por isso, ficou Galeão Rio – Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim”, esclarece Ana Cristina.

Já na Bahia a mudança do nome de uma localidade parece não ter gerado muita polêmica. Em 1997, o distrito de Mimoso do Oeste, subordinado à cidade de Barreiras, foi elevado à categoria de município e passou a se chamar Luís Eduardo Magalhães. “Quem nomeia tem poder. Antônio Carlos Magalhães [à época, o ex-governador baiano era presidente do Senado] nomeou um município com o nome do filho dele que havia falecido e isso foi aceito pela população”, recorda a pesquisadora.

#### RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Quando se trata da grafia de nomes estrangeiros nos mapas produzidos no Brasil, os profissionais responsáveis pela padronização dos nomes geográficos precisam estar atentos

às relações políticas internacionais. Assim, grafar ilhas Malvinas ou ilhas Falklands em um mapa da América do Sul, por exemplo, pode ser visto como um sinal de posicionamento favorável do Brasil à Argentina ou à Inglaterra no que diz respeito à disputa dos dois países pela propriedade dessas faixas de terra.

De acordo com Ana Cristina, uma opção é usar as duas denominações nos mapas. Mas isto não resolve a polêmica. “O dilema de se colocarem os dois nomes é definir qual virá primeiro. Uma solução parcial é usar uma barra entre eles para dar ideia de simetria, mas qual virá antes? Ordem alfabética não resolve alguns casos, porque pode haver mudanças na tradução”.

#### LIMITES IMAGINÁRIOS

Ao pensar nas motivações para se nomear uma determinada feição geográfica, é preciso considerar a relação da pessoa que nomeia com a feição geográfica. Muitas vezes a identificação se dá pela forma que ela tem, explica Ana Cristina ao se referir a alguns pontos da Urca, bairro da zona sul do Rio de Janeiro:

“A ilha da Tartaruga, por exemplo, tem esse nome em função do seu formato. O mesmo ocorre com o Pão de





Açúcar, que tem o formato do pão-de-açúcar [que era feito] nos engenhos. Já a praça General Tibúrcio tem um nome que homenageia alguém significativo para a população local ou para quem nomeia”.

Outra questão, segundo ela, é que, para as pessoas, os limites de um local geralmente são muito difusos. Daí existirem diferenças entre os limites oficiais (traçados pelo poder público) e os reconhecidos pela população. A pesquisadora percebe essa contradição entre os moradores da Urca, que, em geral, acham que a Urca é um bairro e a praia Vermelha é outro. “Quem mora lá dentro, no coração da Urca, vai dizer que praia Vermelha é da guarita para fora. No entanto, oficialmente todo o bairro se chama Urca”, esclarece.

Para Marli Souza Aguiar da Rocha, que mora na Urca há mais de 40 anos, a praia Vermelha é um bairro diferente do seu: “Muitas pessoas dizem assim para mim: [a Urca] parece cidade do interior. Isso eu já ouvi mais de uma vez. É quase que um anexo de casa. A praia Vermelha não é assim. É mais distante, tem mais trânsito, tem o Círculo Militar, o Pão de Açúcar. [A Urca] é um lugar pequeno, gostoso”.

A opinião é compartilhada por Hélio Ribeiro, que acaba de

completar 66 anos de residência na Urca. “A praia Vermelha pertence à Urca, segundo a prefeitura. Para mim, aquilo é uma praia independente. Talvez a Urca seja do lado esquerdo da av. Pasteur para cá, que é a parte mais residencial”, diz o morador.

#### TODOS OS NOMES

Cada base cartográfica produzida pelo IBGE possui uma lista de nomes geográficos georreferenciados. Segundo Beatriz Pinto, gerente da área de Nomes Geográficos, os últimos mapas lançados foram o do estado do Rio de Janeiro, na escala 1:25.000; do Espírito Santo e Goiás, na escala 1:100.000; e os mapas do Brasil nas escalas 1:1.000.000 e 1:250.000.

O instituto também publicou o Glossário de Termos Genéricos relativos aos nomes listados nos mapas na escala 1:1.000.000. Todos esses produtos estão disponíveis na área de downloads do portal do IBGE na internet.

Ainda de acordo com a gerente, as diversas informações sobre os nomes geográficos estão sendo reunidas em um banco de dados. A expectativa é que esse banco possua cada vez mais nomes para que, no futuro, ele possa ser disponibilizado para o usuário externo. ■



#### COLETANDO NOMES

Um mapa tem diversas categorias de informação (como hidrografia, relevo, sistema viário e obras públicas) e cada uma delas tem um nome associado. Apesar de muitos desses nomes serem oficiais, as pessoas podem conhecê-los por outras denominações. Por outro lado, quando um mapa vai ser atualizado ou um novo vai ser lançado, podem surgir dúvidas quanto à grafia ou mesmo a existência de um nome. Em situações como essas, o IBGE entra em campo para esclarecer essas dúvidas junto à população.

Segundo Vania Nagem, engenheira cartógrafa da Coordenação de Cartografia do IBGE, o trabalho é chamado de reambulação: uma metodologia específica para a coleta de nomes geográficos, que segue orientações do grupo de especialistas da ONU sobre o assunto.





texto Camille Perissé e Mônica Marli  
fotos Licia Rubisntein  
design Simone Mello

# **caminhos para uma** **melhor idade**



**O**e acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. O Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas nessa faixa etária, número que representa 13% da população do país. E esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, segundo a Projeção da População, divulgada em 2018 pelo IBGE.

Para que os idosos de hoje e do futuro tenham qualidade de vida, é preciso garantir direitos em questões como saúde, trabalho, assistência social, educação, cultura, esporte, habitação e meios de transportes. No Brasil, esses direitos são regulamentados pela Política Nacional do

Idoso, bem como o Estatuto do Idoso, sancionados em 1994 e em 2003, respectivamente. Ambos os documentos devem servir de balizamento para políticas públicas e iniciativas que promovam uma verdadeira melhor idade.

#### “MÚSICA É TERAPIA”

Foi durante um passeio com o marido, em 1991, que Beatriz Spinoza, de 73 anos – ou “quase 74”, como ela faz questão de ressaltar – descobriu a seresta do palácio do Catete, no Rio de Janeiro. “Ouvimos uma voz lindíssima e decidimos entrar para ver o que era”, relembra. A paixão foi instantânea e Beatriz

se tornou frequentadora assídua dos encontros musicais. “Já cheguei a frequentar todos os dias e, atualmente, deixo de vir uma ou duas vezes por semana, no máximo”, fala, e completa: “A gente vai ficando com idade, o marido morre e a maior parte das pessoas começa a sentir solidão. Eu não sinto! Venho para cá, converso, me distraio, faço amizade...”

Uma das amigas seresteiras é Dulce Silva, de 77 anos, que encontrou nessa atividade não só o seu momento de distração, como também um talento até então escondido. “Eu sempre fui de sair, quer me dar um castigo é falar para eu ficar em casa. E a



seresta é muito prazerosa. Vim para cá através de um amigo, comecei a cantar de intronete e acabei achando que era cantora”, diz.

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada pelo IBGE em 2013, mostrou que a cada quatro pessoas com 60 anos ou mais, pelo menos uma relatava participar de atividades sociais organizadas, como a seresta do palácio do Catete. Entre as mulheres, o percentual era maior, chegando a quase 30%. Mas a participação dos homens também foi significativa, ficando bem pouco abaixo dos 20%.

Miguel Zogahib, de 87 anos, é um dos exemplos. Ele parti-

## “A seresta representa muito para esses idosos. Traz entretenimento, arte, sociabilidade, emoção e memórias”

Maria Helena Versian

cipa da seresta há tanto tempo que, quando é perguntado como ficou conhecendo os encontros, responde sem pestanejar: “Eu nasci aqui”. Para Miguel, a seresta é um *hobby*, que reúne amigos e músicos de “primeira categoria”. “Música é terapia”, conclui.

Assim como Beatriz, Dulce e Miguel, muitos outros idosos encontraram no palácio do Catete um espaço de lazer. De acordo com Maria Helena Versian, historiadora do Museu da República, cada seresta conta, em média, com 50 participan-

tes. Apesar de também serem frequentadas por pessoas mais jovens e até crianças, a maior parte do público tem entre 60 e 90 anos.

“A seresta representa muito para esses idosos. Traz entretenimento, arte, sociabilidade, emoção e memórias. Há muitos depoimentos sobre a descoberta de sentidos para a vida, a paixão de viver. Terapia, alegria, encontros, amizades são palavras-chave, repetidas nos depoimentos”, comenta Maria Helena, que está realizando

### Fotos

O público da seresta do palácio do Catete é formado, principalmente, por idosos, na faixa etária dos 60 aos 90 anos.

Na seresta, Beatriz (à direita) e Dulce, além de curtirem uma boa música, também fazem novos amigos.

### O pioneiro da seresta

Seu Vivi, um mineiro simples que deixou sua terra natal para tentar a sorte no Rio com seu cavaquinho, foi o pioneiro da seresta no palácio do Catete. Ele tinha o hábito de passear pelo jardim do palácio e, um dia, resolveu pedir autorização para tocar e cantar no local. Aos poucos, a atividade foi ganhando adeptos e, hoje em dia, a cantoria recebe centenas de pessoas, de terça a domingo.

uma pesquisa de iniciação científica para resgatar e organizar a memória oral da seresta do palácio do Catete.

Mestra e doutoranda em Ciências da Saúde, a gerontóloga Isabela Machado ressalta a importância de equipamentos e locais em que o idoso possa buscar esse tipo de convivência. Ela acredita que iniciativas como a seresta ajudam a impedir o isolamento social do idoso, além de trabalhar tanto a parte cognitiva, quanto a física. “Só de ele [o idoso] sair do seu domicílio e buscar outros ambientes que deem prazer, já estamos falando de qualidade de vida”, afirma.

Isabela lembra, ainda, que a convivência intergeracional – ou seja, de diferentes faixas

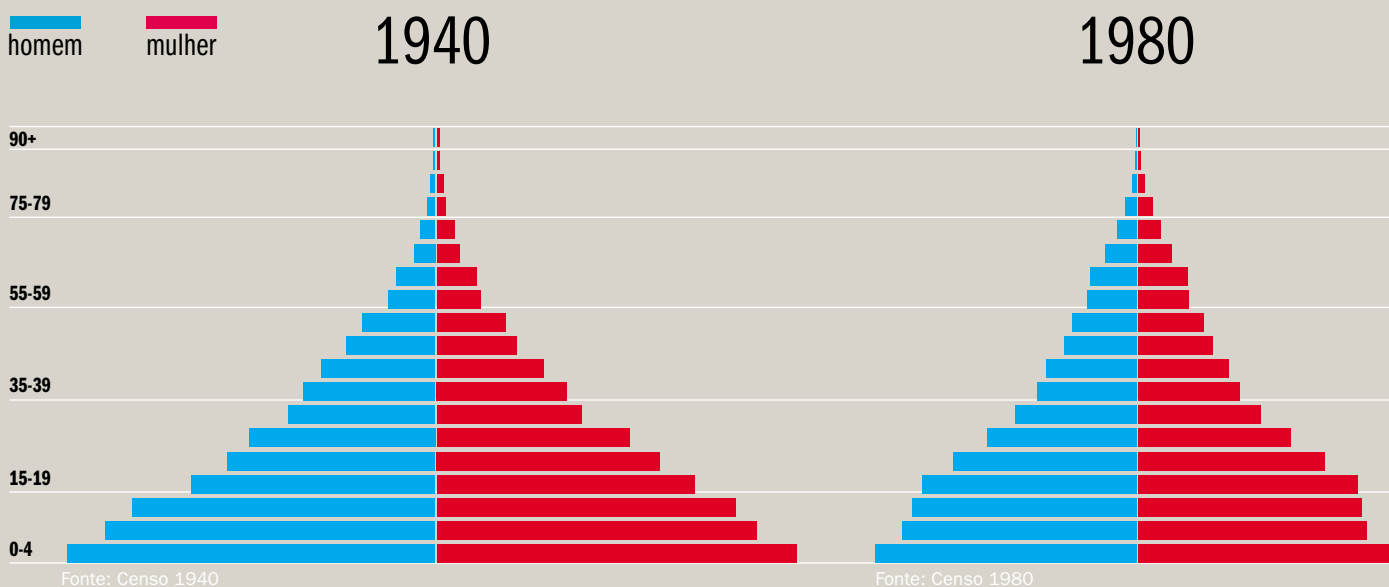
etárias – acaba trabalhando aspectos como a empatia, o respeito ao tempo do outro e a educação do mais novo pelo mais velho. “Estamos fortalecendo vínculos e preservando qualquer tipo de vulnerabilidade que possa ocorrer com esses idosos”, destaca.

### AS DECISÕES DIANTE DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

A população idosa tende a crescer no Brasil nas próximas décadas, como aponta a Projeção da População, do IBGE, atualizada em 2018. Segundo a pesquisa, em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos, enquanto a proporção de jovens até 14 anos será de apenas 16,3%.

Segundo a demógrafa do IBGE, Izabel Marri, a partir de 2047 a população deverá parar de crescer, contribuindo para o processo de envelhecimento populacional – quando os grupos mais velhos ficam em uma proporção maior comparados aos grupos mais jovens da população. A relação entre a porcentagem de idosos e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento”, que deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060.

Esse processo pode ser observado graficamente pelas mudanças no formato da pirâmide etária ao longo dos anos, que segue a tendência mundial de estreitamento da base (menos crianças e jovens) e alargamento do corpo (adultos) e topo (idosos).



A demógrafa comenta que as principais causas para essa tendência de envelhecimento seriam o menor número de nascimentos a cada ano, ou seja, a queda da taxa de fecundidade, além do aumento da expectativa de vida do brasileiro. Segundo as Tábuas Completas de Mortalidade, do IBGE, quem nasceu no Brasil em 2017 pode chegar, em média, a 76 anos de vida. Na projeção, quem nascer em 2060 poderá chegar a 81 anos. Desde 1940, a expectativa já aumentou 30,5 anos.

As estatísticas levantadas pelo IBGE nesse assunto são tema de interesse de pesquisadores e gestores públicos. Izabel explica que as estimativas populacionais são tão importantes quanto a projeção

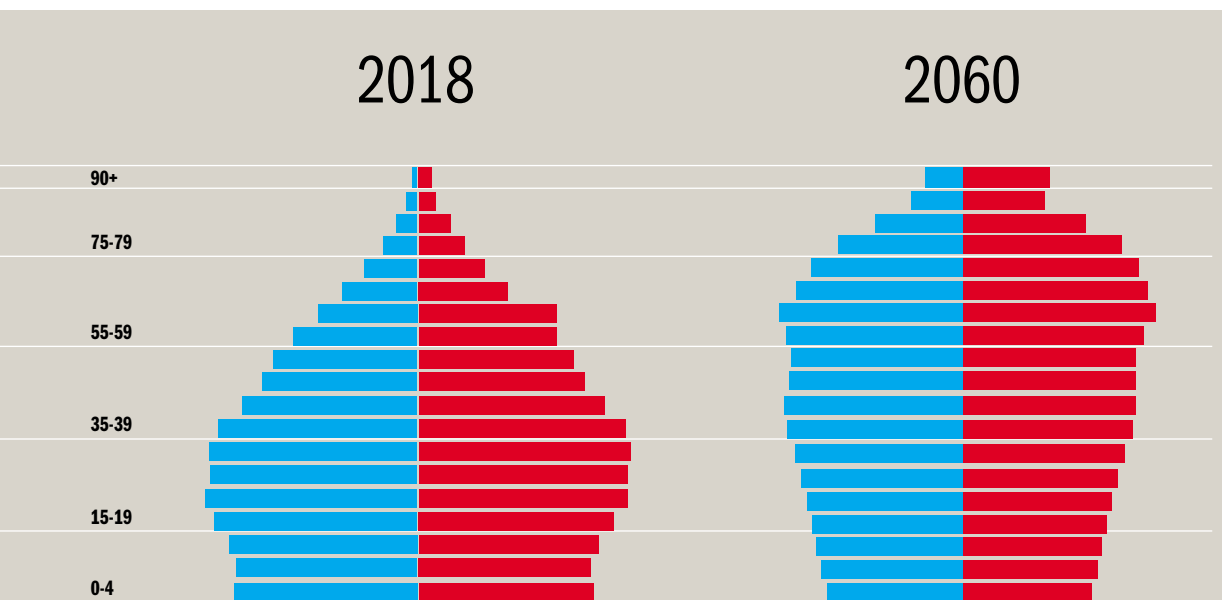
**“Se conseguirmos antever esses desafios, podemos aproveitar melhor essa característica da população atual que envelhece”** Izabel Marri

a mais longo prazo. “Se conseguirmos antever esses desafios, podemos aproveitar melhor essa característica da população atual que envelhece”, diz. “É fundamental que a gente tenha esses números, para saber quem somos, que idade temos, como a gente se distribui no território brasileiro”.

Na gestão pública, as alterações demográficas interferem diretamente em seu planejamento. As políticas de diversas áreas como saúde, trabalho, seguridade social e previdência social podem contribuir nos cuidados específicos com a população que envelhece.

A consultora em demografia e políticas de saúde, Cristina Guimarães Rodrigues, considera necessário ter políticas públicas voltadas para tratamentos de saúde, alimentação mais saudável e exercícios físicos, além de outras políticas, como construções e transportes mais acessíveis, que teriam impacto na saúde. “Há o aumento de doenças crônicas”, cita, “que são doenças mais caras e requerem tratamentos um pouco mais custosos”.

Também de acordo com a PNS, 17,3% dos idosos apresentavam limitações funcionais para realizar as Atividades



Fonte: Projeções da população: Brasil e Unidades da Federação: revisão 2018

## Pirâmides Etárias

As pirâmides etárias são gráficos que auxiliam a visualizar a distribuição populacional por sexo (homens à esquerda e mulheres à direita) e faixas etárias – na base temos os mais jovens e no topo os mais velhos. É possível observar aos longos dos anos que, com o envelhecimento populacional e queda da fecundidade, o formato vai deixando de ser piramidal, o que é característico de países desenvolvidos.



### Foto da capa

A praça Edmundo Bittencourt – que fica em Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro – é o ponto de encontro do vigilante Antônio Sobrinho e seus amigos, para jogar dama, buraco e tranca. “A rapaziada da terceira idade sempre vem brincar. Isso aqui tira todos os estresses”, afirma Antônio.

Copacabana, segundo o Censo 2010, é o bairro com o maior número de idosos, são mais de 43 mil.

### Censo 2010

Confira na página ao lado mais informações sobre os idosos.

Instrumentais de Vida Diária (AIVD), que são tarefas como fazer compras, administrar as finanças, tomar remédios, utilizar meios de transporte, usar o telefone e realizar trabalhos domésticos. E essa proporção aumenta para 39,2% entre os de 75 anos ou mais.

A seresteira Dulce demorou a perceber as novas necessidades que chegam com a idade: “Eu nunca tinha pensado que ia ficar velha”, conta. Ela começou a se dar conta pelos comentários das outras pessoas e pela percepção do seu próprio corpo: “Muda um pouco, a gente fica mais debilitada, mas eu procuro sempre me cuidar, fazer os exames”, diz.

Uma boa saúde também é pré-requisito para que as pessoas possam trabalhar até mais velhas. Sua amiga de seresta, Beatriz, trabalha há 19 anos em uma empresa de seguros e diz que existe lugar no mercado para os idosos, mas depende da saúde. “Quando eu comecei,

com 50 e poucos anos, estava linda e maravilhosa, usava salto. Eu entrei uma pessoa, hoje eu estou outra. Só que o meu trabalho é *light* agora, por isso eu continuo lá”, comenta.

A professora titular de demografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Simone Wajnman, lembra que no Brasil os trabalhadores idosos vêm de uma época em que estudar era privilégio de uma elite e, portanto, têm baixos níveis de escolaridade. “O que a gente vê hoje no mercado brasileiro é que quem tem mais chance de continuar trabalhando nas idades mais elevadas são aquelas pessoas que têm mais escolaridade, que exercem ocupações que não dependem de força física”, diz.

Uma das iniciativas no mercado de trabalho pelo mundo, relatadas por Simone, é a alocação das pessoas idosas em áreas de atendimento ao público, ou em outras funções que exigem um profissional de perfil mais experiente e responsável. Ela

“A velhice ficou velha,  
mas não morreu”

Ana Amélia Camarano

acredita que a possibilidade de redução ou flexibilização da jornada de trabalho para essas pessoas também é uma solução.

As discussões sobre iniciativas e políticas públicas para idosos também devem levar em consideração que essa população não é homogênea. Ana Amélia Camarano, pesquisadora do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), diz que o desafio para o futuro seria considerar as especificidades dentro da ampla faixa etária em que se inclui o idoso. “Na verdade, ‘60 ou mais’ é muito heterogêneo. Você vai olhar no Estatuto do Idoso e tem políticas para 65, como transporte gratuito e prioridade no Imposto de Renda. Agora tem a prioridade da prioridade”. Camarano cita a faixa de idosos a partir de 80 anos, que podem merecer um outro estatuto, dos “superidosos”, diz: “A velhice ficou velha, mas não morreu. Você tem as fragilidades que são típicas da idade, mas cada vez mais tarde”. ■



# IDOSOS NO CENSO 2010

**POPULAÇÃO IDOSA**  
20,6 milhões

MULHERES

**11,4**  
milhões

HOMENS

**9,15**  
milhões

**80 ANOS OU MAIS**

2,9 milhões

**100 ANOS OU MAIS**

24 mil

**BRANCOS**

11,5 milhões

**PRETOS OU PARDOS**

9 milhões

**INDÍGENAS**

66 mil

**VIVIAM COM  
SEUS CÔNJUGES**

11,5 milhões

VIVIAM EM COPACABANA  
**43 mil**

## CAÇA-PALAVRAS

# árvores e municípios do Brasil

Os nomes geográficos muitas vezes são inspirados em elementos que conferem identidade àquele lugar, como um acidente geográfico ou a fauna e a flora locais. No caso do Brasil, sua rica diversidade de árvores deu origem a vários nomes geográficos de municípios.

No caça-palavras abaixo, você vai encontrar alguns dos muitos municípios cujos nomes provêm de árvores brasileiras. Para conhecer outros tantos, a página IBGE Cidades reúne dados sobre todos os 5.570 municípios brasileiros.

Confira em <https://cidades.ibge.gov.br/>

ANGICO	Ô	V	Â	A	U	M	Á	D	Ê	J	X	W	M	Ô	R	N	J	Â	Â	C	Ú	T
AROEIRAS	Q	J	F	J	Õ	A	Á	B	Ç	Á	G	S	X	Ô	S	A	A	X	C	H	F	Q
BARAÚNA	D	Ê	P	I	Ú	S	Ê	A	Õ	F	Õ	Ô	P	Á	É	Ü	T	Õ	S	U	C	Ò
CABREÚVA	Â	H	I	Ü	A	S	T	R	W	Ô	R	Q	I	J	I	H	O	Ô	E	C	A	S
CAMBUCI	Q	Â	T	D	X	A	G	A	F	C	À	R	S	V	R	F	B	Ú	R	Á	M	Õ
CANELA	Z	Â	A	T	Y	R	Q	Ú	Ó	F	Ê	Ô	L	Ò	Ú	F	Á	O	I	H	B	P
CEDRO	T	F	N	Ô	Ê	A	P	N	Ú	Ê	U	Z	E	H	Â	N	D	O	N	Ó	U	S
GAMELEIRA	C	D	G	L	Z	N	Í	A	G	A	M	E	L	E	I	R	A	O	G	R	C	A
ITAÚBA	É	V	U	W	Ü	D	Ê	Q	Ô	Ò	Õ	S	U	I	C	K	S	G	U	Ô	I	É
JATOBÁ	C	P	E	A	Y	U	Ô	X	E	V	I	T	A	Ú	B	A	F	U	E	É	T	L
JEQUITIBÁ	A	Á	I	F	R	B	U	Ú	S	J	Â	V	D	T	I	Õ	G	Q	I	Ú	P	Ã
JUAZEIRO	B	J	R	N	U	A	Ô	Ã	E	E	O	N	I	A	R	O	E	I	R	A	S	P
LARANJEIRAS	R	Ã	A	Â	Â	Ò	Ò	J	B	Q	À	Ã	Í	É	Ç	L	T	K	A	D	S	Ú
MASSARANDUBA	E	Í	S	S	Ü	S	E	F	Õ	U	R	M	Á	Õ	U	Õ	L	A	S	C	H	J
PITANGUEIRAS	Ú	J	U	Ú	H	N	I	R	J	I	Â	É	F	Ê	T	V	Ü	R	Z	V	Ü	U
SERINGUEIRAS	V	H	F	F	Ú	I	A	Á	D	T	F	Ü	M	Ç	L	Ü	P	Q	V	Ç	C	A
	A	Ú	C	E	D	R	O	D	Y	I	Ç	Z	Ç	C	A	N	E	L	A	Ú	Ò	Z
	Í	T	Ç	U	D	E	H	Ü	Ç	B	L	Ó	N	D	I	Ü	M	Í	O	Ó	Ô	E
	R	É	E	Ç	V	Ê	D	É	Ó	Á	L	B	P	I	O	Í	A	J	Ã	F	W	I
	H	X	X	U	Ê	G	V	Ó	Ô	À	N	V	C	N	Õ	Í	Ü	G	Ó	S	G	R
	Ã	Ã	Ú	L	A	R	A	N	J	E	I	R	A	S	U	Ò	O	É	C	Ò	Ç	O
	N	P	H	É	X	À	H	L	Ò	Y	Ú	B	S	A	N	G	I	C	O	Ã	Õ	P

concepção Helga Szpiz e Marília Loschi  
design Licia Rubinstein



SOLUÇÃO



# #ibge

referência: dezembro 2018

agenciadenoticias.ibge.gov.br

@ibgecomunica

/ibgeoficial

@ibgeoficial

/ibgeoficial



**35.264**

pessoas alcançadas

**416**

compartilhamentos



**1.386**

envolvimentos

## f DIA INTERNACIONAL DAS MONTANHAS

Hoje (11/12), é o Dia Internacional das Montanhas! Você sabe quais são os picos mais altos do Brasil? O IBGE mediu as altitudes dos pontos culminantes do país. Confira! Saiba como é feito esse cálculo: <http://bit.ly/2zSDNws>

## 📍 ANIVERSÁRIO DE RIO BRANCO

Hoje é aniversário de Rio Branco! Sim, o Acre existe e sua capital está fazendo 136 anos! Para provar isso, marque seu amigo acreano nos comentários!

Foi em uma volta do rio Acre, onde havia uma frondosa árvore gameleira, que, em 28 de dezembro de 1882, o cearense Neutel Maia fundou o seringal Volta da Empresa. Em um período de expansão do extrativismo da borracha, quando o Acre ainda era considerado território boliviano, o seringal ganhou importância como centro comercial e, logo, se transformou em um povoado. O nome Rio Branco é uma homenagem ao diplomata que anexou o Acre ao Brasil. Em 2018, Rio Branco tinha uma população de 401.155 habitantes, segundo a estimativa do #IBGE.

Veja mais: [bit.ly/AniversarioRB](http://bit.ly/AniversarioRB)



**2.304**

curtidas

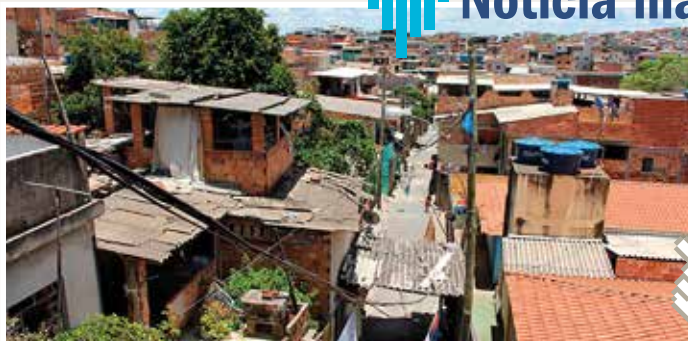
**132**

comentários

**46.795**

pessoas alcançadas

## 📊 Notícia mais lida



## 📊 POBREZA AUMENTA E ATINGE 54,8 MILHÕES DE PESSOAS EM 2017

O país tinha 54,8 milhões de pessoas que viviam com menos de R\$ 406 por mês em 2017, dois milhões a mais que em 2016.

Veja mais: [bit.ly/Sintese18](http://bit.ly/Sintese18)

**7.367**

acessos

